

A existência de Deus

Os céus declaram a glória de Deus; e o firmamento mostra o trabalho das suas mãos. Dia a dia profere discurso, e noite a noite mostra conhecimento. Não há discurso nem linguagem onde sua voz não seja ouvida. – Sl 19:1-3

O tema da existência de Deus é de suma importância no Século do Nada, como chamou Gustavo Corção o tempo em que vivemos. Um tempo onde o homem não se tornou adepto do pensamento positivista, mas se tornou ele mesmo um ser de natureza positivista, trazendo além do pecado de Adão outra marca, a descrença para com tudo aquilo que não tem substância material. Essa carência intelectual (sim, não vamos lidar com falta de fé mas de inteligência nesse texto) é fruto do abandono da observação natural, tarefa filosófica que deteve o Filósofo em toda sua obra, onde não julgou ser necessário mais que as aves, os rios, as plantas e os ventos para entender a alma. Esse abandono, que C. S. Lewis chama de “abolição do homem”, é o que faz com que a humanidade não consiga mais olhar para uma cachoeira e ver além da água, ainda que tenha capacidade para entender até mesmo as partículas de H₂O, não tem capacidade para compreender de onde o seu mover; o autor chama atenção para o homem que não mais consegue pensar com a cabeça e sentir com o coração, antes passa a sentir racionalmente e pensar emocionalmente, uma inversão de natureza e propósitos que lhe condena a não encontrar o sentido da vida. Essa abordagem existencial foi a força motivadora do trabalho intelectual de tantos homens ao longo da história do pensamento que, sem esforço podemos mencionar uma série deles e seus respectivos enfoques como Kierkegaard e o desespero humano ante o pecado; Calvin e a compreensão da natureza humana quando comparada com a divina; Kant e a impossibilidade de o homem entender os argumentos transcendentes por estar preso à sua própria materialidade; Scruton na investigação livre em busca do Divino na estética; Strauss no senso de justiça humano originário da justiça divina voltada ao viver do homem na Terra; e dentre inúmeros autores é imperioso lembrar dos diálogos platônicos (Fédon e Teeteto) onde nos assusta a excelência do produto intelectual de Platão vindo de observações do cotidiano. Todas essas menções aqui servem ao único propósito de apontar-nos a imensidão do campo que podemos percorrer e, durante essa caminhada buscar entender aquilo que tomou o início da Suma Teológica de Tomás de Aquino: *Deus existe?*

A natureza expressa a glória de Deus

O Salmo que abre essa apostila pode ser utilizado como argumento derradeiro na “comprovação da existência de Deus”, ou pode ser a abertura da discussão. Optei pela segunda opção porque depois de ler vários autores, conheci argumentações de essências diferentes – e cada uma mais gloriosa que a anterior. Assim, começo pela simplicidade da criação, motivo desse belo salmo (19) cantado pelo profeta.

“A lei do Senhor é prefeita, restaura a alma”. O resultado dos designios de Deus comprova a Perfeição pois antes de ser compreendido, traz paz. A sensação -- e aqui está o foco de nossa geração niilista, sentir – experimentada apor alguém que constata um julgamento de Deus é prazerosa, alegre. A lei contra o erro traz satisfação. A sociedade se alegra quando não se mata; não se rouba; não se ofende. E de onde vem a lei que organizar a sociedade e regra o homem senão do Direito Religioso? E aqui temos uma outra matéria que permaneceu óbvia por milênios, mas em nossa sociedade passou a ser questionada. Hoje, da mesma forma que as crianças acreditam que a origem do frango é o supermercado, adultos acreditam que a origem da Ordem é o Contrato Social.

Falando aos Romanos, o apóstolo Paulo, convededor da filosofia grega e da sabedoria romana, abre sua discussão sobre a justiça da condenação divina com a seguinte advertência:

Porque a ira de Deus é revelada do céu contra toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça. Porque aquilo que de Deus se pode conhecer é manifesto neles, pois Deus o manifestou a eles. Porque as coisas invisíveis, desde a criação do mundo, são claramente vistas, sendo entendidas por meio das coisas que são feitas; o seu eterno poder e divindade, para que eles fiquem inescusáveis. – Rm 1:18-20

Ninguém pode dizer “não me apresentaram o Divino”, pois o próprio mover (De Anima) é inexplicável em si mesmo, sendo, portanto, ignição óbvia da ação de busca pela Origem. Os romanos, porém, ao invés de caminharem rumo à deidade, traziam o divino para o humano com o traço pagão de humanização da divindade, e assim erigiam templos e esculpiam estátuas de formas humanas para representar Júpiter, Mercúrio, Febo... e *mudaram a glória do Deus incorruptível por uma imagem feita à semelhança do homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis* (Rm 1:23).

Temos aqui o maior mal de nosso tempo, a absorção pela sociedade moderna da ideia de que devemos ser felizes em um mundo de infelicidade, sendo o entretenimento o caminho de fuga dos males desse mundo. Não é o entretenimento a força motriz de tudo quanto é produzido em nosso tempo? Seja no mundo das artes com os quadros para decoração – e assim não temos mais a expressão de formas, cores e volumes com o fim da exaltação da criação e consternação dos homens; a literatura de diversão – onde séries de livros são produzidas e consumidas e, no fim, tudo o que se apreende são complexos mundos onde vive bruxinhas e duendes; música para fazer dançar – e há dois séculos não nasce um compositor que deixa a alma contrita e o coração enlevado. E não apenas no mundo da arte como a própria vida se tornou um trabalhar durante os “dias úteis” e o dormir, assistir TV e esperar o domingo acabar no “dia do Senhor”? Trilhamos hoje um caminho paradoxal onde desenvolvemos plena inimizade para com o tempo, e a ele dedicamos todo nosso esforço: ora utilizando de métodos estéticos e nutricionais para viver por mais tempo, ora maratonando séries e assistindo bobagens na TV para fazer o tempo passar. E aqui temos uma vida que, por ser biológica, caminha para seu fim desde o momento de seu nascimento, e ao longo dessa caminhada não tem oportunidade para ver a *glória de Deus e o trabalho de suas mãos*.

Quanto à infalibilidade do plano de Deus em demonstrar-se na obra de suas mãos, escreveu João Calvino na suma teológica oferecida a Francisco II, rei da França:

São inúmeras as provas que atestam sua admirável sabedoria, tanto no céu como na terra, não somente aquelas mais secretas, às quais se destina o estudo da astronomia, da medicina e de toda a ciência natural, mas também o que se mostra ao exame de qualquer um, mesmo o mais inculto, idiota, de tal sorte que os olhos não possam ser abertos sem que obrigados a servir de testemunhas.¹

Mas o teólogo francês não pôde vislumbrar as gerações que apontavam no horizonte, as quais não mais teriam olhos por testemunhas pois não os abririam, nasceriam fechado e fechados permaneceriam por toda a vida de seus portadores. Permanece incólume, porém, a verdade: abre os olhos e vê.

¹ CALVINO. J. *A instituição da religião cristã. Tomo I.* Editora Unesp. São Paulo, 2008.

Em São Tomás temos outros ângulos de abordagem da mesma questão que aqui se apresenta: Deus existe? E esse é propriamente o título da questão 2 da Suma 1, que em sua resposta traz uma consideração filosófica típica da escolástica:

De dois modos pode uma coisa ser conhecida por si: absolutamente, e não relativamente a nós; e absolutamente e relativamente a nós. Pois qualquer proposição é conhecida por si, quando o predicado se inclui em a noção do sujeito. Se portanto, for conhecido de todos o que é o predicado e o sujeito, tal proposição será para todos evidente. Digo, portanto, a proposição Deus existe, quanto à sua natureza, é evidente pois o predicado se identifica com o sujeito, sendo Deus o seu ser. Mas, como não sabemos o que é Deus, ela não nos é por si evidente, mas necessita de ser demonstrada, pelos efeitos mais conhecidos de nós e menos conhecidos por natureza.

O Príncipe da Escolástica pondera: *conhecer quem vem não é conhecer a Pedro, embora Pedro venha vindo*. Da mesma forma, conhecer que existe uma Causa não é conhecer YHWH, embora Ele seja a Origem e o Fim de todas as coisas. E assim Tomás de Aquino passa a tratar da *demonstração da existência de Deus*, tarefa que se faz necessária diante do fracasso daquele primeiro quadro que vimos acima: o homem que não consegue ver a Deus mesmo quando está diante das cataratas do Niágara.

Segue então o teólogo a esclarecer dois métodos básicos de demonstração científica: por meio da causa e por meio do efeito. Quando o efeito é mais manifesto que a causa, chegamos ao conhecimento da causa por meio do efeito. Não nos sendo possibilitado pela própria natureza humana o conhecimento da Causa (Ex 33:20), passemos à demonstração de Sua existência por meio das cinco vias tomistas.

- a) O movimento: alguns seres são movidos, e tudo o que é movido é movido por outro. Aqui o santo nos traz uma constatação aristotélica, conhecida de todos na obra *De Anima*, onde o Filósofo demonstra o Criador como o Motor Móvel, o único que diante de tudo o que é não é *movido por* mas move-se a si mesmo. Exetuando-se o Criador, todas os demais vivos são movidos, ou melhor, são levados de potência a ato tal qual o fogo (ato) move a madeira (potência) ao estado de queima. Assim, a nenhum ser é possível ser ato e potência ao mesmo tempo, sendo sempre necessário de ser movido por outro anterior.
- b) A causa: A pedra vem da rocha, que vem do mineral, que vem da composição das partículas, e assim sucessivamente em um movimento retrógrado que não pode ser levado infinitamente uma vez que é inevitável o ponto de origem primeiro, o Motor que move a si mesmo, Deus. Vemos que há ordem das causas, sendo impossível a procedência *ad infinitum*. Sendo então a causa última dependente da causa média, e esta inevitavelmente originada na causa primeira, pode-se facilmente reverter o processo e partindo da causa primeira, chegar à média e então à última. Hora, não havendo causa primeira, como poderia haver causa média e também última? Logo, a Causa Primeira é obrigatória.
- c) O possível e o necessário: Todas as coisas podem ser e não ser, podendo ser geradas e corrompidas. Ora, o que pode não ser em algum momento não foi (como o fruto de uma árvore, que podendo não existir em algum momento não existiu). Assim, é cientificamente inquestionável que tudo o que é, de algo que já foi veio, não podendo o que não é ter vindo do que nunca foi. Forçosamente temos então que, em um movimento de retrocesso temporal, voltar a um ponto na linha do tempo da existência em que algo havia de ser sem ter vindo de outro, um algo autoexistente que todos chamam de Deus.

- d) O grau das coisas: em tudo o que há medem-se graus de menor e de maior. Aquilo que é quente, tem temperatura maior do que o que é menos quente, que possui calidez maior do que o que é frio (desprovido de calor). Tudo o que é, é em relação a outro que é mais, assim o fogo é o grau de calor máximo de todos os quentes, sendo inevitável a não conclusão da existência daquilo que é perfeito em todo e qualquer grau, o maximamente quente, o nobilíssimo, o belíssimo, o poderosíssimo, esse grau máximo ao qual chamamos Deus.
- e) O governo das coisas: os seres que possuem conhecimento operam em busca de um fim, o qual é alcançado pela intenção e não pelo acaso. Assim o construtor constrói porque intenta construir; o leão captura a presa porque intenta capturá-la. Mas, os seres que não possuem conhecimento não têm um fim em si, mas em outro, como a flecha que alcança o alvo pela intenção do arqueiro. Logo, a existência de tudo o que é natural não é produto de si mesma, mas de um grande ordenador, conhecido por Deus.

Diante de tudo isso que está posto (e aqui está muito pouco) necessariamente chegaremos à análise não mais da questão da existência de Deus, mas da ciência humana, voltando ao salmista que não se dirigia a um povo insensato incapaz de ver a lógica de tudo quanto há, antes falava a um povo que compreendia o que é natural, haver necessariamente uma Criação.

Começamos aqui uma série de aulas que percorrerão o caminho da constatação de Deus, nessa jornada passaremos por todos os autores citados inicialmente e muitos outros que, ao longo de suas vidas, se debruçaram a registrar em papel e tinta aquilo que seus olhos viram e suas mentes compreenderam.

*Fernando Melo
Brasília, 7 de abril de 2021.*